

RELIGIÃO É CULTURA

por
FRANCISCO CARMO *

Résumé

Tout ce que produit l'homme possède la marque de l'humain et se transmet ainsi d'une génération à l'autre, tout ce que l'homme produit est culture.

A côté des formes spécifiques de culture, on peut trouver également la culture religieuse: *"ensemble de structures, de normes de comportement et de significations qui dépassent l'expérience immédiate et se réfèrent aux croyances, rites, normes morales, et pratiques, attitudes et sentiments en rapport avec un Au-Delà plus ou moins personnalisé, et qui se manifeste en expressions concrètes — langage, littérature, etc"* Une fois achevée la phase charismatique, s'institutionnalisant à divers niveaux, la religion se fait culture en acquérant une certaine stabilité, sans perdre ses aspects innovateurs. Sans pour autant cesser d'être une expérience vécue, elle possède aussi un encadrement socio-historique qui la caractérise. Par les processus de *socialisation* et d'*inculturation* elle se forme et se transmet grâce à la *famille*, à l'*école*, aux *églises* et à leurs *institutions*, aux *mass media*. Les mutations récemment survenues créent les sociétés dites post-industrielles, informatiques ou post-matérialistes qui tendent à *informer* la culture religieuse. A la modernité, faite d'adaptations rapides à l'évolution de la pensée et des technologies, succèdent les sociétés post-modernes que certains caractérisent par la détérioration de la métaphysique, la mise en évidence d'une "conception faible de la raison" et l'instauration de modèles du type *simulacre*. Dans une telle situation, une nouvelle inculturation religieuse s'avère plus que jamais urgente.

* Professor da Universidade dos Açores

Abstract

All that Man creates projects his very own characteristics, and these are in turn passed from one generation to another. All that Man creates becomes his own culture. Amongst all culture creations, too, the cultural religious facets are special: "A series of structures of behaviors and norms enclose in themselves daily experiences and these signify beliefs, rituals, practices, attitudes and feelings. All this is manifested in concrete expressions: language, literature, etc., and is more or less concerned or directed toward the *other*." Once the charismatic phase is achieved on different levels, religion then becomes part of the culture and attains a certain stability without losing its innovative aspects. Religious experiences are also characterized by their social and historical context. Through socialization and acculturation, these religious experiences take on their own forms and they are passed on to others through family, school, church and the mass media. Certain recent changes have created the so-called post-industrial, computerized or post-materialist societies, which in turn tend toward new forms of the religious culture. In such post-modernist societies a new religious acculturation is necessary.

A cultura religiosa, inserida na cultura geral e tendo com ela aspectos comuns, tem algo de específico, pela sua relação ou conotação com o transcendente, o sobrenatural, aquele que se designa propriamente por *religioso*.

No teor deste tema bem é partir do sentido geral de cultura e transitar daí para o conceito de cultura religiosa, no que já se descobrem afinidades e diferenças.

Reportando-nos a Edward-Burnett Tylor a cultura é "*um conjunto que compreende os conhecimentos, as crenças, a arte, a moral, as leis, os costumes e outras capacidades e usos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade*"¹. Não menos rica é uma outra definição trazida nos textos do Concílio Vaticano II, no capítulo sobre a cultura: "cultura designa tudo aquilo por meio do qual o homem afina e desenvolve as múltiplas capacidades do seu espírito e do seu corpo; procura submeter o universo pelo conhecimento e

1 TYLOR, E-B., *Primitive Culture*, 1871.

pelo trabalho; torna mais humana a vida social, tanto na família como na sociedade civil, mediante o progresso dos costumes e das instituições; finalmente, exprime, comunica e conserva nas suas obras, no decurso dos tempos, as grandes experiências espirituais e as suas aspirações maiores, para que sirvam o progresso de um grande número, e até de todo o género humano"². Embora com certa intencionalidade ética e de carácter mais descritivo, ela acresce um aspecto dinâmico, o processo de formação da cultura. A primeira é sobretudo de carácter "conteudista", diz os elementos que a compõem.

De uma e de outra podem extrair-se as notas típicas da cultura. Vamos identificá-las:

— a cultura respeita a toda a vida social pois abarca os seus sistemas de ideação, de representação e de expressão, os seus sistemas éticos e os referenciais da acção;

— é pela cultura que a vida reconhece o seu próprio destino e se abrem horizontes de possibilidades e novos caminhos que poderá trilhar;

— por ela o homem se descobre como ser com os outros clarificando a quotidianidade, o sentido e finalidade da vida que o tornará capaz de participar em projectos colectivos que compreendam também a satisfação de anseios pessoais³.

O sentido abrangente da cultura não impede outras accepções mais restrictas e que ao mesmo tempo revelam aspectos daquela abrangência.

Assim pode falar-se de *cultura erudita* ou superior com suas formulações mais elaboradas, resultantes do estudo, da investigação, do cultivo da estética ou beleza das formas, com seus valores mais aprimorados, criativos ou intelectualizados, cultura das elites, das classes chamadas "cultas", mais facilmente voltada para o futuro ou capaz de o afrontar.

Há também a *cultura popular* criada pelo povo nas suas tradições, acumulação de experiências e tentativas de resolver os

2 CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n.65

3 Cf. FERNANDES, A.T.. A Mudança cultural na Sociedade Moderna, Comunicação, in "Revista da Faculdade de Letras", série Filosofia, 5-6 (1988-1989)126.

problemas da vida e satisfazer necessidades, dar vãs às emoções, ao sentimento e à festa que quebra o quotidiano da existência; sem deixar de ser projectiva vive sobretudo do passado que foi recolhendo e em que se revê.

A *cultura de massas* é uma nova forma que se manifesta num processo de produção e de difusão das ideias, dos sentimentos, da informação pelos meios de grande divulgação colectiva, mediática — imprensa, rádio, cinema, televisão — postos ao alcance de todos, reduzindo distâncias, tempos de aquisição: e é notícia feita e tratada, ideia já confeccionada, propaganda que alicia adesões, publicidade psicologicamente dirigida ao consumo, figurinação para o vestir ou vestir menos, etc.

A *cultura imposta*, por força de mecanismos montados pelo poder, cerceia as liberdades, inibe a individualidade em favor do colectivo e autoritário, obstrói canais de comunicação, reduzindo o pensar e o querer, cultura despótica no fundo da qual adormece, mas talvez não morrerá, uma outra que espreita oportunidades históricas de se revelar (e, muitas vezes, é a cultura religiosa).

Esclarecido o que é a cultura recorde-se o sentido de religião em termos operativos, na forma como pode ser abordada pela sociologia. É um *sistema de crenças e práticas, em relação com valores e realidades supra-empíricas de que os homens se sentem dependentes e que têm uma expressão comunitária*⁴. É, pois, um fenómeno que ultrapassa a sociedade mas, ao mesmo tempo, nela se manifesta pela corporização ou concretização que assume, visível nos actos dos praticantes, persentido nas motivações que o determinam e pelo Além a que se dirige. Pode, pois, a religião, e a cultura em que se expressa, ter um tratamento científico, sociológico.

1. Cultura religiosa e processos

Além de outros tipos de cultura, designados pela área de implantação (urbana e rural) ou pela sua especificidade (cultura económica,

4 Cf. SCARVAGLIERI, G., *La Religione in una Società in Transformazione*, M.P.Fazzi, Lucca, 1978, p.26.

política, artística), há a *cultura religiosa* que assim se poderá resumir: *conjunto de estruturas e modelos normativos de comportamentos e de significados que ultrapassam as experiências imediatas e se referem a crenças, normas morais, ritos, códigos jurídicos, usanças e práticas, atitudes e sentimentos em relação com o Além mais ou menos personalizado e que se corporiza em expressões concretas tais como linguagem, literatura, objectos, vestes, imagens, edifícios*⁵.

Pelo teor da definição descritiva se descobrem as características e a génese da cultura religiosa:

— a religião faz-se cultura quando, ultrapassada a fase carismática e fundacional da experiência religiosa primigénea, surgem estruturas e modelos normativos, conseqüentes ou concomitantes da institucionalização a vários níveis;

— quando se constitui num sistema de significados que revelam uma atitude perante a vida e que pervadem as diversas manifestações da experiência humana numa visão total da vida e do seu destino final: verdades, crenças, práticas culturais, exigências éticas organizadas, definidas, codificadas;

— como a cultura em geral, a cultura religiosa é também herança de um grupo ou comunidade que a transmite, é tradicional, e tende em conservar-se, ao menos, no seu núcleo essencial ligada à mensagem do Fundador;

— embora tendente à manutenção, também a cultura religiosa está sujeita às mudanças quer por razões *internas* (reflexão, aprofundamento, experiências vividas) quer por razões *externas* resultantes da alteração na cultura geral, modos de vida, aspirações sentidas, exigências dos grupos sociais. Esta evolução não é sempre um processo linear: pode ficar aquém das exigências da cultura geral; pode identificar-se bastante com a cultura vigente; pode ultrapassá-la criando disfunções, pressões e atritos (uma quase contracultura).

A religião, factualmente, é experiência e enquadramento. Como *experiência* espiritual referida ao Transcendente tem estas características: a) é uma resposta àquilo que é entendido como realidade

5 E outras definições há que desta se aproximam e que podem encontrar-se nos diferentes autores.

última; b) é uma resposta que compromete o ser no seu todo; c) é a experiência mais intensa de que é capaz o homem; d) implica uma exigência prática, é um imperativo para a acção⁶.

Como experiência pode ser apenas privada ou vivida inicialmente no foro da consciência mas, na medida em que solicita para a acção, não se pode ficar apenas nesses recessos íntimos, exterioriza-se inspirando e modelando comportamentos. E quando uns e outros se vão comunicando esta experiência e edificando pelos actos — levando à imitação, sugerindo atitudes — ela se generaliza, surgem normas, quadros de vida, uma determinada ordem e a experiência e os actos, agora conjugados no plural, normalizados (padronizados, nomotéticos) tornam-se cultura, têm um *enquadramento* institucional.

A cultura religiosa, de forma semelhante à cultura geral, assimila-se num movimento ou *processo* em dois tempos chamados socialização e inculturação. Um não se realiza sem o outro, embora sejam categorias analíticas distintas e uteis para perceber o dinamismo da vida social, os diversos factores intervenientes, os seus efeitos, inclusivé ao nível da personalidade e da sua formação.

Pela *Socialização* as pessoas entram em contacto com a sociedade — é o sentido imediato do termo — e com as suas formações, dão-se conta dos outros e do seu posicionamento, apercebem-se das formas de relação social e vivem-nas, mesmo ao nível religioso, em actos culturais, catequese, grupos de apostolado e outros.

Este caminho percorrido, feito da relação com os outros, e este enquadramento ou configuração obtida, dentro do qual se desenham traços, personalidades, estilos, este processo é a *inculturação*. Levada especificamente para o campo religioso dá como resultado: ideias, crenças, doutrinas, cultos, normas éticas, percepção do mundo e do Além que são a *cultura religiosa* moldada em sistemas, modelos, códigos. A inculturação, neste aspecto, é uma relação dinâmica entre a mensagem cristã e a cultura ou culturas; uma inserção da vida cristã dentro duma cultura; um processo contínuo de interacção e assimi-

6 Cf. WACH, J., *Types of Religious Experience. Christian and Non-Christian*, Chicago U.P., 1951, p.32-33.

lação recíproca e crítica entre elas⁷. Esta penetração da sociedade e da cultura no homem e que o torna semelhante aos outros, dentro duma comunidade ou grupo, é o que se chama a sua *personalidade sociocultural*, neste caso, *religiosa*: crente como os demais, cristão como outros, católico como uns tantos, diferenciado de alguns.

Os aspectos *culturais* das actividades religiosas referem-se às crenças, valores admitidos, símbolos, etc. Os aspectos *sociais* dessas actividades religiosas dizem respeito aos meios ou mecanismos através dos quais tais crenças, valores, símbolos e outros são mantidos e transmitidos no âmbito das relações e dos quadros sociais⁸.

Nem todas as "fibras" da pessoa são absorvidas e padronizadas neste processo de inculturação: há originalidades criativas e desvios desaprovados que identificam cada um e especificam certos grupos.

Isto faz pensar nas múltiplas e matizadas formas de influenciar os outros, seguindo esta tramitação social e cultural; na necessidade de ter aliados para modificar uma cultura ou partes dela (raramente as acções isoladas terão efeito de largo alcance); nas *margens* ou *espaços vazios*, na pessoa, onde é possível, para além da cultura, produzir efeitos de conversão ou mudança. A isto é de juntar ainda a dialéctica existente também nas culturas entre o estável e o precário, o jogo exercitado para conservar e para alterar aspectos dela.

Observe-se ainda que nem sempre o que é cultural é necessariamente verdadeiro e bom, ou o melhor, e o indivíduo não é apenas o sujeito passivo da cultura mas também o agente que a promove ou destroi. É possível e lícito, pois, questionar evidências, ou verdades tidas como tais, e certos comportamentos culturais, julgados plausíveis mas que, porventura, não o serão.

A sociologia com as suas investigações e análises, em termos de facto, a par de outras ciências; a filosofia e a teologia em termos de reflexão natural ou religiosa, sobrenatural, podem concorrer ou dar materiais para fundamentar, enriquecer e animar este questionamento.

7 Cf. AZEVEDO, M.C., *Inculturation and the challenges of Modernity*, PUG., Rome, 1982, p.11. Ver: CARRIER, H., *Vangelo e Cultura da Leon XIII a Giovanni Paolo II*, Roma, Città Nuova, 1990.

8 ROBERTSON, R., *The Sociological Interpretation of Religion*, Blackwell, Oxford, 1972, p.65.

Socialização e inculturação não se confundem com *iniciação religiosa, fé, educação*, embora as possam envolver sob alguns aspectos e em determinados momentos.

A *iniciação religiosa* introduz os indivíduos em várias práticas culturais e prepara-os expressamente para elas — recorde-se o Batismo, a Comunhão, Crisma, Matrimónio... designados mesmo em linguagem sociológica *Iniciações* correspondentes a determinadas etapas da vida. A socialização e a inculturação não são um substituto suficiente de tais actos iniciáticos.

Enquanto socialização e inculturação são um quadro de modelos e valores interiorizados através de condicionamentos sociais, a *fé* é uma efectiva e livre opção que os indivíduos podem realizar ou tomar, face a propostas de valores religiosos provenientes da família, da escola, das igrejas. Assim se compreende, neste contexto, a expressão *religiosidade muita e fé pouca*.

Enquanto socialização e inculturação, no seu conjunto, são um facto automático e, muitas vezes, involuntário, a *educação*, preparando escolhas voluntárias e a capacidade de discernimento ou de crítica, é finalizada no amadurecimento da personalidade⁹. Razões por que, em consequência, não basta ser religioso em termos de socialização e inculturação, é necessário iniciar-se numa preparação para o conhecimento e a prática, aderir em termos de obséquio de inteligência e de vontade e formar-se pedagogicamente para uma personalidade religiosa, adulta.

2. Agentes da inculturação

Agentes ou factores da inculturação religiosa são a família, a escola, as organizações religiosas específicas, os meios de difusão e a sociedade em geral.

O peso destes factores ou agentes, a sua importância na cultura religiosa dependem do tipo de sociedade, de estrutura simples ou

9 Cf. MILANESI, G. - BAJZEK, J., *Sociologia della Religione*, Editrice, LDC, Torino, 1990, p.37-42.

complexa, e do tipo de instituição religiosa, visível na sua imagem mais ou menos convincente, nas relações que mantem.

A *família* é o grande agente da inculturação religiosa. Quanto mais institucionalizada for a experiência religiosa e a igreja em que ela se concretiza, maior será a influência desta na família e o papel da família na inculturação religiosa dos seus membros.

Mais esbatida será tendencialmente a função da família quando a sociedade é secularizada, as concepções sociais, políticas e outras forem do tipo plural, ou seja, "quando as mensagens religiosas que ela tenderá a transmitir forem facilmente neutralizadas por outras mensagens prevaletentes na sociedade secularizada"¹⁰.

Não obstante, ela continua, no contexto social, a ter uma potencialidade relevante, a) porque fornece um complexo de legitimações religiosas que poderão ser adoptadas por uma clientela voluntária que são os filhos; b) porque se coloca na esfera da vida de todos os dias, mesmo na sociedade moderna, ao contrário das outras instituições¹¹. Por isso é que ainda se julga correcto pensar que a acção religiosa, que envolve e mobiliza a família ou desagua nela, terá, por certo, mais eficácia e duração, do que limitada apenas a indivíduos singulares e a grupos ocasionais¹².

Inculturar, "em sentido religioso, no âmbito familiar, significa transmitir atitudes e disposições favoráveis ao crescimento duma sensibilidade religiosa e tornar plausível nos inculturados a escolha dos valores religiosos, como sistema de significados para a vida através de um testemunho coerente"¹³. Alguns problemas, porém, existem e que necessário será ter em conta para uma correcta análise da realidade e para o planeamento das acções.

- O *sentimento da infância*, assim chamado, consistente na atitude dos adultos de considerar a criança centro da família e da sociedade, constituiu, assim referem, um período longo de **puerocentrismo** que parece estar a declinar em certos quadrantes. Para isso

10 Cf. *Ibidem*, p.43.

11 Cf. BERGER, P., *The sacred Canopy*, in MILANESI, *Sociologia della Religione*, p.43.

12 Cf. BOULARD, F., *Les Premiers Itinéraires en Sociologie Religieuse*, Les Éditions Ouvrières, Paris, 1954, p.97.

13 MILANESI, *Ibidem*, p.43s.

concorrerá o trabalho profissional dos pais fora do lar; as concepções acerca da família, do amor, e outras. Esta **perda do centro** na família nuclear, sem a presença de outros elementos (avós, colaterais) afecta, sem dúvida, a inculturação religiosa da criança, provocando um esvaziamento, a menos que surjam alternativas compensatórias¹⁴.

- Quanto aos jovens, em particular, perfilham-se vários problemas que estão em relação com a situação da família e da sociedade:

a) ou persiste uma atitude, questionamento religioso, que revela uma necessidade de absoluto, de significado para a existência humana, nem sempre traduzido em vivência religiosa, às vezes também pela crise de credibilidade dos interlocutores tradicionais (família, igrejas ...) e à variedade da oferta religiosa por outras seitas (algumas isotéricas) ;

b) ou não haverá grande interesse em definir-se religiosamente por efeito da relativização e privatização dos valores e, ainda, devido à consciência da impossibilidade radical de elaborar interpretações da realidade dotadas de sentido último, expressão do designado pensamento debil¹⁵.

A escola é outro agente da inculturação em geral e sê-lo-à também da inculturação religiosa não só pelo ensino da religião, enquanto parte dos programas, mas também pela atitude dos docentes, pelo ambiente vivido.

A situação actual em que crianças e jovens passam boa parte do tempo na escola — começam sempre mais cedo e acabam mais tarde — faz pensar no efeito que ela terá sobre as mentalidades, quer a partir do ensino, quer pela variedade de convivências possível. É manifesta a importância atribuída pelo cristianismo à escola como agência de inculturação religiosa, quer pelo ensino que ela tem praticado em escolas de sua fundação, quer solicitando e mantendo o ensino religioso nas escolas oficiais. A escola tornou-se, em parte, sucedânea da função educativa da família, em termos de facto.

14 Cf. CAMPANINI, G., *Realtà e Problemi della Famiglia Contemporanea*, Edizioni Paoline, 1989, p.106.

15 Cf. MILANESI, G., *I Giovani nella Società Complessa*, LDC, Torino, p.70s.

As *instituições religiosas*, outro agente de inculturação, compreendem grupos, associações, comunidades. O tipo de sociedade em que vivemos hoje, a par das razões anteriores, põe mais em destaque o papel de tais organizações na inculturação religiosa da sociedade e dos seus membros. É particularmente notável, para o efeito, o sentido de acolhimento que experimentarão os seus membros no seio delas, a personalização que realizam, a identificação que se lhes reconhece, ou seja, a consciência de **ser pessoa e não número**. "Elas assumem também, como observa Milanesi, as tarefas de iniciação religiosa, isto é, estimulam as opções que transformam os valores religiosos, de costume e tradição social, em livre escolha, e a cultura religiosa [incorporada por automatismos sociais] em mensagem de salvação; estão em condições de melhor exprimir também um empenho de educação religiosa programado e intencional" mais relevante talvez do que o faria a família e a escola nas condições actuais¹⁶. A eficiência destas instituições acentuar-se-à assumindo uma organização de tipo comunitário onde as relações tendem a ser mais pessoais e directas, menos ditadas pela formalidade mas com bons objectivos e compromissos.

Os *meios de comunicação de massa*, desde os mais conhecidos — imprensa, cinema, rádio, TV — até aos mais recentes e não acessíveis ainda a todos, os *softwares* informáticos, são potente factor de inculturação e que directamente (pelos programas religiosos e outras intervenções dos agentes pastorais) ou indirectamente (pelos critérios adoptados pelos responsáveis), podem concorrer para a cultura religiosa ou, ao contrário, para a sua destruição. Os consumidores ou utentes, observe-se, não são apenas sujeito passivo das comunicações, também podem concorrer para a manutenção e promoção da cultura religiosa por várias formas de intervenção. De salientar é também que tais meios de comunicação não são em si apenas agentes de inculturação mas instrumentos ou mediadores para os outros agentes: família, escola, instituições, igreja, sociedade.

A *sociedade em geral*, com suas estruturas, regime, ambiente, é o grande factor da inculturação. Merece, porém, particular atenção

16 Cf. MILANESI, *Sociologia...* p.47.

a sociedade para que se caminha ou que já se tem às portas, a chamada *sociedade digital*, informatizada, computarizada.

Ela, por efeito de alta tecnologia, põe à disposição das novas gerações instrumentos de conhecimento e de domínio da natureza, o que é sem dúvida de grande utilidade; tende a estabelecer entre o homem e as coisas uma relação não directa, mas mediatizada, reduzindo, assim, a intervenção de estruturas tradicionais de mediação tais como a *família*. Isto pode significar um enfraquecimento das defesas do homem face às mensagens, assim veiculadas, e sem a possibilidade de filtragem da família e nisto são mais frágeis as crianças e os jovens mesmo no aspecto religioso, se outras compensações não ocorrerem.

O aspecto mediatizado da técnica digital, aliás como já se dizia para a mecanização em período industrial, pode dar lugar a atitudes de passividade, repetitividade e conformismo (a máquina guia o homem, não o homem a máquina) e abafará também, como se pensa, a fantasia que funcionaria principalmente no interior dos programas.

A tecnologia e, especialmente, a informática contribuem para o nascimento de uma nova personalidade socio-cultural, põem problemas, desafios, à autonomia de quem é seu criador e deveria ser responsável pelo seu controle¹⁷.

Não obstante, poderão existir ultrapassagens a tais riscos. Na verdade, se o homem não é sujeito passivo da cultura, poderá enquadrá-la ou modificá-la. Ademais, no interior mesmo da sociedade digital julga-se necessário ter de inovar sempre mais, quer para evitar a obsolescência, quer para responder a aspirações crescentes da sociedade¹⁸. Mas uma é a posição dos agentes de mudança interessados na inovação, por razões de produção e de comércio, outra a dos utentes que poderão, porventura, continuar dependentes ou alienados se não forem servidos por uma educação específica e dotados do discernimento necessário para o tempo em que vivem.

17 Cf. BERNAL, S., Igreja e Modernidade, in "Brotéria" 1(1988)68s.

18 Cf. CAMPANINI, *Ibidem*, p.108.

3. Modernidade e afins

Os sistemas de interpretação da realidade, ao nível sociológico, estarão baseados, alguns deles, sobretudo numa visão da sociedade que passou dum período pre-industrial para o período industrial. Assim, necessário seria elaborar novas teorias e concepções mais aptas para o conhecimento desta nova sociedade que vem surgindo¹⁹.

As definições de moderno e os seus afins, como o pós-moderno e outros, parecem representar ou ser sinal desse esforço de construção para o entendimento das sociedades complexas em que vivemos ou para que caminhamos, o que também virá a ser útil para situar a religião no novo espaço social, pelo que é importante conhecer estas situações e acompanhar tal evolução. Com designações diferentes, mas recobrando-se parcialmente na sua significação, são estes alguns dos termos usados para designar as novas sociedades que vêm emergindo: *sociedade pós-industrial*, *sociedade self-service*, *sociedade de soma zero*, *sociedade digital*, *sociedade convivial*, *sociedade pós-materialista*, *sociedade pós-moderna*, *sociedade pós-secular*. A cada uma destas designações estão ligados autores e títulos de obras²⁰.

Modernidade e pós-modernidade andam na moda ao correr duma literatura designadamente sociológica. Não lhes faltará, todavia, uma certa ambiguidade. Tentemos alguns esclarecimentos que a reduzam, em certa medida.

Apoiando-nos em autores chama-se modernização "o processo pelo qual as instituições historicamente desenvolvidas se adaptam a funções em mudança rápida resultante da evolução sem precedentes do conhecimento humano..."²¹ ou, noutra perspectiva complementar, "a transformação do mundo trazida pelas inovações tecnológicas dos últimos séculos, primeiro na Europa e depois em todo o mundo"²². A

19 Cf. BECKFORD, J. A., *Religion and Advanced Industrial Society*, London, Umwin Hyman, Ld, 1989, p.1. Ver: MARTELLI, *infra*.

20 Cf. MARTELLI, S., *La Religione nella Società Post-Moderna*, EDB, Bologna, 1990 p.15 (Nota 25) e 17.

21 AZEVEDO, M.C., *Ibidem*, p.3.

22 *Loc. cit.*

modernização significaria este processo causado pelo conhecimento — as ciências, e pela sua aplicação dinâmica — a tecnologia. Seriam modernidade as características resultantes do processo nos indivíduos, instituições, regiões e culturas²³.

E a pós-modernidade ou pós-moderno?

Numa definição, mais pela negativa, o pós-moderno não se apresentaria nem como o superamento da modernidade, nem como oposição a ela, mas como derivante e tendendo para a sua dissolução, e aqui a tendência para a *secularização*, atribuída ao moderno, seria menos acentuada.

Para Ardigò três são as características que distinguem a pós-modernidade da modernidade: a) deterioração da metafísica e da categoria "forte" do saber, pouco atento à "descoberta de leis inscritas na objectividade da natureza física e da história humana"; b) dissociação entre saber científico fundado sobre o rigor de lógicas causais, em circunscritos contextos, e outros saberes; c) uma forte especialização e também um forte utilitarismo que não estimulam os cientistas a interrogar-se sobre temáticas de grande alcance afins de questões metafísicas ou religiosas. Tal situação do saber científico implica uma concepção "débil" da razão (ao modo de dizer de Vatimo), o que seria uma característica da cultura pós-moderna²⁴. Autores vários (Vatimo, Baudrillard, Perniola), convergem na definição de sociedade pós-moderna como aquela que se caracteriza pela liquidação do referente das linguagens, ou seja, as imagens e símbolos não correspondem ao real; instaura-se uma gigantesca precedência dos modelos sobre a realidade; o simulacro ("sociedade dos simulacros", também chamada por Vatimo), é como se fosse um símbolo privado de original²⁵. No lugar da distinção entre imagem e realidade, característica da tradição ocidental e da modernidade, a sociedade pós-moderna transformou as imagens em simulacros que produzem

23 Cf. AZEVEDO, *Ibidem*, p.4.

24 ARDIGÒ, A., *Per una sociologia oltre il post-moderno*, Roma-Bari, 1988, p.226.

25 Cf. MARTELLI, *Ibidem*, p.380.

efeitos sociais só porque existem. Como caso típico apontam a comunicação social que, com suas regras específicas, produz determinados efeitos sociais mesmo que não podendo ser definidos como realidade no sentido tradicional²⁶.

A secularização atribuída ao moderno e a "des-secularização" ligada ao pós-moderno mostram que a religião tem que ver com esta situação interpretada por formas diferentes.

E acresce dizer-se, ainda com Ardigò, que os traços de modernidade e pós-modernidade *coexistem* na cultura contemporânea e nos esquemas de referência das pessoas. E porque é a cultura, e o lugar que nela tem a religião, o foco de interesse, vamos acompanhar as observações e interpretações de alguns autores colhendo delas elementos e indicativos úteis para o conhecimento desta nova sociedade. Elas representam uma necessidade e a procura para entender uma sociedade, em evolução, complexa e refractária também a explicações de longo alcance²⁷.

Numa sociedade sempre mais *pluralista*, mais diversificados são também os grupos, as respectivas normas morais admitidas, e diferentes, também por isso, os comportamentos. Daí resultarão, por vezes, tensões, conflitos, competição. As sociedades estarão, assim, cada vez menos presas a normas éticas e a preceitos religiosos, como regras do viver colectivo.

Nestas sociedades, não será à religião e às igrejas que irão pedir, nem que seja de empréstimo, as interpretações acerca do *mundo físico*, nem os modos de compreender as *inter-relações* dos membros da sociedade, mas às ciências, à tecnologia, às sondagens de opinião, à estatística.

Para regular as *emoções*, controlar os *sentimentos* e a *agressividade* aviaram-se técnicas que se dizem apropriadas ou descobrem-se derivativos em que é rica esta sociedade - no foro da psiquiatria, no catálogo das diversões para os tempos livres e outras. Contar-se-à menos (ou nada) com os subsídios da religião e as energias da fé. Neste contexto recorda-se a queixa de um clínico que

26 Cf. *Ibidem*, p.381

27 Cf. ARDIGÒ, *Ibidem*, p.222

dizia ter de aturar mais os pacientes para lhes resolver problemas psíquicos, porque menor o recurso à confissão, dos que seriam os penitentes, e mais reticente a vontade e, para alguns, necessidade, de a ministrar.

A *racionalidade*, adaptação programada de meios a um fim, e a *eficiência*, resultante desse processo (produtividade, êxito ou sucesso), predominando sempre mais, menor será a referência (nula até) aos valores morais e religiosos, em termos de virtude, dedicação, generosidade.

A sociedade contemporânea vai pedir a sua *legitimação e fundamentação* mais a uma lógica social de consensos, aos mecanismos do voto, do referendo, da vontade popular, do que às concepções religiosas mesmo naquilo em que estas têm propostas para a sociedade, derivantes da sua Mensagem²⁸.

Sem esquecer os valores que se misturam nestas pautas de avaliação, a focagem da sociedade contemporânea e a sua interpretação não escondem, todavia, *outros aspectos para os quais a religião tem algo a ver*. E o mesmo autor, em referência, não deixa de apontar também, no estilo tomista do "*Videtur quod*"... "*Sed contra*", **outras necessidades** a que uma sociedade racional e eficientista não responde de todo e que não poderá resolver só por si os próprios problemas.

Vamos apontar algumas.

Um número sempre maior de pessoas é perturbado pelo *anoniato da moderna burocracia*, pela impessoalidade das relações entre as pessoas, pelo tédio que se experimenta num sistema social tão racionalizado e tecnicizado, para além dos problemas alarmantes das nevroses, das crises matrimoniais, dos vícios do alcool, da droga, etc.

As mesmas soluções técnicas que se faz por alargar e incentivar cada vez mais não suprimem de todo a frustração e outros problemas há que as novas técnicas não conseguem resolver, só por si.

28 Cf. WILSON, B.R., *La Religione nel Mondo Contemporaneo*, Bologna, Il Mulino, 1985, p.47-58.

Os seres humanos são levados a pensar e a agir como se quase não existisse pessoa humana, como tal, mas papéis a desempenhar para obter determinados objectivos, quando a verdade é que cada pessoa, não obstante as semelhanças, permanece única, com a sua originalidade e criatividade.

Mais: essa mesma singularidade da pessoa não se pode limitar, nem abafar nos quadros operativos duma sociedade tecnicizada, mas precisa descobrir o *sentido da vida* ultrapassando a circunstancialidade do ter, adquirir, fazer como²⁹. Bem necessário é também *saber porquê e para quê e para onde*. E tal coisa parece não encontrar-se de todo nos sistemas racionalizados. O não racional também acompanha o racional, a intuição estará por vezes ao lado da dedução, a revelação abre caminhos que a pesquisa não encontra e as tradições religiosas da humanidade teimam em percorrer, mesmo que aos olhos esgaseados ou céticos de muitos, os caminhos da história.

Se o modo de viver este espírito será voltando pura e simplesmente às teorias funcionalistas da religião e à justificação que estas dariam ao sistema, à sua coesão, é hipótese que não se poderá confirmar; nem mesmo parece historicamente viável o retorno ao regime de cristandade (não se diz cristianismo vivencial). Será lícito, porém, esperar que as igrejas, fieis à sua Mensagem, saibam inserir-se em todos os tempos e culturas sem sepultar a esperança e extrair o amor, de que parecem tão carecidas as sociedades de hoje.

E com alguns dos autores referidos poderiam adiantar-se algumas hipóteses e perspectivas.

"É difícil prever como o modelo de ordem societária, aliás irrevogável, possa novamente fundir-se com a inspiração religiosa. Até hoje, só nas margens e nos interstícios, e sobretudo no campo da vida privada, tal tentativa foi eficaz, permitindo a alguns homens, ao menos, transcender as insatisfações actuais e produzindo, graças a atitudes de boa vontade e empenho, aquele sal da terra necessário para sustentar a ordem social"³⁰.

29 Cf. *Ibidem*, p.60ss.

30 *Ibidem*, p.209-210.

E ao pensar de Stefano Martelli "a sociologia da religião dos anos 90 deverá ser capaz de dar conta da co-presença, na sociedade actual, de tendências secularizantes e modernizantes, e, ao mesmo tempo, da reavaliação em acto de modalidades tradicionais de experienciar o sacro, bem como do emergir de formas esotéricas, mágicas ou mesmo satânicas, ao lado de difusas instâncias de espiritualidade e de questões de eticidade. A co-presença na sociedade 'pós-moderna' de fenómenos tão diversos, atesta o 'eclipse' da secularização e o multiplicar-se de tentativas diversas de saída da modernidade"³¹.

E em referência à modernidade Hervieu-Légier-Champion assim comentam: "Alvos privilegiados da crítica racional, os sistemas religiosos são também um reservatório inesaurível de significados utópicos, constantemente reformulados, readaptados, reactivos"³².

Esta situação humana, nem sempre de todo identificada mas que se procura expressar de modos diversos, traz também aos educadores um novo apelo, tal é o de concorrer para criar hábitos mentais de modo que cada um possa, quanto possível, pensar criticamente, defender-se de mensagens que o assediam, ter o sentido correcto da autonomia (ligada à pessoa humana) e da participação social (alimentada no interesse pelos outros, em solidariedade), sem contar principalmente com o ambiente homogéneo da sociedade.

E útil será que as formações socio-eclésiásticas e outras criem também espaços e ambientes onde germinem as verdadeiras amizades e se construam solidariedades que esconjurem os temores, a insegurança, a angústia das nossas sociedades mais ou menos avançadas, tecnicizadas, eficientistas³³.

4. Problemática da inculturação religiosa

Apresentando alguns aspectos gerais e depois pontualizando outros mais específicos estaremos dando elementos e critérios para responder à problemática da inculturação religiosa agora abordada.

31 MARTELLI, *Ibidem*, p.25.

32 HERVIEU-LEGIER-CHAMPION, *Verso un nuovo cristianesimo?*, Brescia, Queriniana, 1989, p.198.

33 Cf. CAMPANINI, *Ibidem*, p.110.

Aspectos gerais. Se a religião é para os homens vivendo em determinado tempo e em certos espaços geográficos diferenciados, a eles deve chegar a mensagem religiosa de forma que eles entendam e vivam de acordo com ela - *inculturação*; se tal mensagem é um conhecimento e uma resposta a Deus essa inculturação nunca será adaptação plena à cultura ou culturas, ultrapassa-as - *transcendência* é sua característica essencial. Será esta fundamentalmente a atitude da Igreja ou igrejas, pelas quais se comunica tal mensagem de salvação.

Nesta sociedade três são os aspectos a ter em conta, e que se apontam, para a inculturação da mensagem cristã: a) o modo de comunicação será adaptado à nova cultura a que se dirige; b) as instituições eclesiais, designadamente educativas, usarão como instrumentos de diálogo os dados e o método das ciências; c) no processo de decisão dos agentes eclesiais terá de vencer-se a dificuldade de falar nestes termos realizando uma preparação mais adaptada a tal mundo³⁴. E adiante se acrescenta pertinentemente que o objectivo no processo de inculturação não é secularizar a teologia mas torná-la apta para comunicar um Deus transcendente à mente secular da humanidade, o que não significa sacralizar toda a actividade humana mas saber integrá-la nos desígnios divinos. Ao mesmo tempo a teologia poderá ajudar o homem moderno a descobrir os limites da imanência (da sua inserção nas realidades terrestres) e a inevitável necessidade de transcendência ou de abertura ao Além³⁵.

Estas afirmações têm consonância com a definição e as condições da inculturação religiosa apresentada em alguns documentos do Magistério: "Inculturação significa a íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo, e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas"³⁶ e deve ela ser guiada por dois princípios: "a compatibilidade com o Evangelho e a comunhão com a Igreja universal"³⁷. Requer-se um grande equilíbrio para não passar acriticamente de um alheamento da cultura para uma sobreva-

34 Cf. AZEVEDO, *Ibidem*, pp.33s.

35 Cf. *Ibidem*, p.52.

36 JOÃO PAULO II, *Encíclica Redemptoris Missio*, 1990, n.52.

37 *Ibidem*, n.54.

lorização da mesma, sendo que ela não deixa de ser produto do homem e, como tal, marcada também pelo pecado. Também ela deve ser purificada, elevada e aperfeiçoada³⁸.

Indiscutível a necessidade de inculturar a Mensagem evangélica criando espaços para a expressão pessoal e autêntica da experiência de fé. Mas "surge a pergunta muito actual sobre o tipo de católico que uma tal inculturação poderá produzir. Serão estas novas formas de expressão da fé, compatíveis com a única Igreja de Cristo?". É a questão posta pelo sociólogo Sérgio Bernal como que a servir de aviso e de chamada de atenção. E a razão é que também a inculturação, como toda a realidade, está marcada pela ambiguidade³⁹.

Algumas razões há, de tipo factual, que apontam para uma nova inculturação religiosa: a) o nível mais elevado e generalizado da cultura de hoje, designadamente na vertente da escolaridade e da investigação, e a necessidade de responder às exigências daí derivantes; b) razão manifesta é especificamente o desenvolvimento da ciência e da técnica e os problemas que põem à doutrina e à moral formalizadas, por vezes, em outros contextos sociais e culturais; c) o pluralismo das ideias, dos valores e a liberdade assumida e reconhecida de tomar posições face aos outros, na sociedade, e a liberdade religiosa mesma que suscita alternativas de opção e, com elas, certa tendência para a privatização do religioso, o que carece de exame atento; d) os novos meios de comunicação social e de informática com o seu impacto manifesto na modelagem das mentalidades e que induzem comportamentos e hábitos que afectam a religiosidade, a moralidade; e) a reflexão mesma sobre a fé, a doutrina religiosa, que deu relevo, no campo católico, a um modelo de Igreja, mais comunhão e menos estrutura vertical e autoritária, a impor a necessidade de reajustamento de outros modelos vindos do passado, menos consentâneos com os novos tempos e a que muitos se acostam sem grande reflexão e por tradicionalismo rotineiro.

38 *Loc. cit.*

39 BERNAL, *Ibidem*, p.70

Esta inculturação religiosa sentida como necessária, e a que responderia uma nova evangelização, será entendida não tanto como compensação, das derrapagens e do desgaste das crenças e da prática religiosa, mas como assumpção dos novos dados e valores, a examinar à luz da Mensagem, a utilização de linguagens, de formulações e de estilos de vida mais transparentes e adequados à realidade e respondentes à problemática do homem de hoje.

E selecionamos agora **outros aspectos mais específicos** atinentes à inculturação religiosa.

1º - *Poder e serviço*. Em teoria é indiscutível que a autoridade da Igreja é concebida como serviço mas, na prática, temos de reflectir no problema do poder que está na sua base. O Papa Paulo VI referiu não ser sempre fácil formar um conceito exacto de autoridade, e especialmente da autoridade eclesiástica, pois a experiência e a história apresentam imagens, nem sempre fieis, nem felizes, como refere Sergio Bernal que acrescenta: "Quando se olha a estrutura organizativa da Igreja, encontramos-nos perante certas formas legítimas de autoridade que coexistem com outros usos do poder que não têm fundamentação inteiramente clara e levam a argúcias teológicas em busca de legitimação"⁴⁰. A Igreja deve aprender como viver sem poder (entendido no contexto presente) ... como estar viva e dinâmica sendo fiel e consistente, como testemunhar na própria vida o que pretende anunciar em palavras. Empenhar-se neste processo de necessária transformação é um dos maiores desafios de conversão na sua história. A *inculturação* pode ser um dos nomes desta conversão⁴¹.

Helen Rosa vendo na reconceptualização da Igreja Católica, como povo de Deus, a grande aquisição do Concílio, anota, com base em observações suas e confirmando-se com outros estudos feitos nos EUA, não se verificar na prática uma correspondência a essa aquisição pois não se garante a distribuição de poder real aos órgãos

40 BERNAL, S., Igreja: Autoridade e Serviço. Problemas de Modernidade, in "*Brotéria*" 4(1988)326.

41 Cf. AZEVEDO, M., *Ibidem*, p.25.

criados a vários níveis, inclusive diocesanos. Em consequência disso, muitos católicos, clérigos e leigos, veem-se frustrados. A abertura à modernidade, presente no Concílio, não foi acompanhada de um esforço equivalente ao nível da própria organização⁴². No entanto, em uma das suas conclusões finais, ela reconhece que a Igreja será a consciência moral desta sociedade pós-moderna para extirpar os males sociais e a corrupção das instituições⁴³.

2.º - *Os leigos e sua participação*. Outro problema também levantado é o que se refere aos leigos e que Bernal traduz nestes termos, em perspectiva sociológica: "A Igreja não pode contar, como noutros tempos, com uma presença institucional para poder evangelizar e desempenhar assim um papel significativo na sociedade. A sua força estará, antes, no comprometimento dos seus membros. Assim, irá tomando forma uma Igreja que seja verdadeiro povo de Deus, no qual não serão apenas as hierarquias que desempenham papel de protagonismo, mas os *christifideles* todos, cada um segundo o seu próprio carisma, aumentando, assim, a eficiência, como se espera de uma organização moderna, deixando às camadas superiores a função de coordenação e de manutenção da identidade em espírito de serviço. E anota que o clericalismo existe também a outros níveis⁴⁴. Na linha destas afirmações, Hervieu-Légier, afirma: "Passar do combate ao 'testemunho' constitui uma outra etapa, a deslocação da utopia do plano social ('reconstituir o território da Igreja' retomando o terreno perdido) ao plano moral ('unificar as consciências segundo os princípios do Evangelho').... E esse testemunho tende a incarnar-se na figura paradigmática de alguns mártires ou apóstolos, D. Romero, P. Popielusko, Madre Tereza...)"⁴⁵.

3.º - Problema do *desenvolvimento humano*. Tem ele muito a ver com a cultura. Efectivamente tem-se vindo a verificar, mercê de estudos feitos, que os factores culturais, não apenas os económicos, exercem grande influência no desenvolvimento, na atitude que se

42 Cf. EBAUGH, H.R., *The Revitalization Movement in the Catholic Church: The Institutional Dilemma of Power*, in "*Sociological Analysis*", vol. 52, 1990, p.6.

43 Cf. *Ibidem*, p.11

44 Cf. BERNAL, *Igreja: Autoridade e Serviço...*, p.329.

45 Cf. HERVIEU-LEGIER-CAMPION, *Ibidem*, p.322.

toma quanto a ele. O factor religioso é parte desse todo. Entre os objectivos traçados para o desenvolvimento, no decénio de 1988 a 1997, figuram "tomar em consideração a dimensão cultural do desenvolvimento, acentuar e enriquecer as identidades culturais...". Ao apresentá-lo o então Secretário Geral da ONU dizia dever-se ter em conta "a realidade complexa das relações, crenças e motivações que formam o substracto duma cultura... Nós não devemos considerar apenas o desenvolvimento económico, mas é necessário olhar o homem na sua totalidade física, espiritual, individual e social... Entre os desafios do desenvolvimento nós temos de incluir também a ignorância, o medo, a intolerância, a recusa de inovação, a ameaça aos valores éticos básicos, comuns a todas as sociedades sobre o planeta"⁴⁶.

A decisão cultural das novas nações leva a uma escolha a dois níveis:

— "os países em desenvolvimento devem aceitar a cultura moderna, tecnológica, e seleccionar dela os elementos mais em consonância com a sua vocação histórica";

— "elas devem decidir quais dos seus valores culturais, tradicionais, preferem especialmente que continuem activos com absoluta prioridade"⁴⁷.

E o Presidente do Conselho Pontifício para a Cultura afirma: "Apesar das limitações dos meios de que dispõe, a Igreja ocupa uma posição estratégica na luta pela justiça e pelo desenvolvimento. A sua voz pode ouvir-se em todos os continentes e por todas as culturas humanas... A Igreja é quase a única instituição existente capaz de dizer uma palavra profética — credível no mundo — sobre a questão do desenvolvimento de todo o ser humano"⁴⁸.

E pensando na inculturação necessária, e com autor já citado, poderia questionar-se e concluir:

46 CARRIER, H., *O Significado Cultural do Desenvolvimento*, in "*Brotéria*", 2(1989)126-127.

47 *Ibidem*, p.132.

48 *Ibidem*, p.136.

"O que nós somos e o que nós fazemos corresponde às necessidades reais e urgentes da humanidade de hoje na sua relação com Deus e com o povo? A resposta honesta e apurada a esta questão é a semente da nossa conversão. Esta fecunda semente da nossa liberdade interior em Jesus Cristo é uma condição radical para uma inculturação significativa da mensagem cristã"⁴⁹.

49 AZEVEDO, M.C., *Ibidem*, p.56